

SE A GENTE NÃO CONSEGUIR FALAR, OS MUROS VÃO FALAR POR NÓS: INTERVENÇÕES URBANAS FEMINISTAS NA CIDADE DE PELOTAS

RENATA BRASIL BARROS LOPES¹; FRANCISCO LUIZ PEREIRA DA SILVA
NETO²

¹Universidade Federal de Pelotas– renatabblopes9@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas– francisco.fpNeto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida em conjunto com o projeto “A cidade a partir das margens: espaço urbano como produção sociocultural”, ligado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa sobre relações e interações das mulheres com intervenções urbanas realizadas na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A partir da pesquisa etnográfica buscou-se analisar a forma com que as mulheres se apresentam e se inserem no espaço urbano da cidade através das intervenções urbanas.

Procurou analisar a interferência das mulheres no ambiente urbano por meio das intervenções artísticas de rua como: picho, graffiti, lambe-lambe, stencil e stickers. Diante desta paisagem, pretendo explorar o que os escritos nas edificações do bairro contam sobre a experiência de ser mulher na cidade de Pelotas, como também a relação entre as mulheres que se conectam por meio da arte urbana e o ativismo feminista.

O objetivo é mostrar como os afetos causados pelas produções urbanas narram o espaço e reconhecem os ideais políticos dos atores que vivem na cidade. No caso desta pesquisa, procurei analisar os rastros narrados através de palavras/imagens (SILVA e DIÓGENES, 2019) que povoam as construções no bairro Porto, deixados por mulheres e a dinâmica que estabelecem com quem as vê.

As mulheres, dentre as minorias que são desmembradas e marginalizadas pela sociedade, encontram na pichação uma forma de transgredir a norma social, desafiando o papel de ser mulher na sociedade e rompendo com a ambientação que as condiciona. Quando passam a ocupar as ruas através de seus escritos, desenhos, lambes e adesivos em muros da cidade, elas causam impacto desestruturante no papel que desempenham na sociedade. A prática de intervenção urbana é um exemplo de subversão que as mulheres utilizam para comunicar as necessidades políticas dos movimentos feministas e exigências da autonomia sobre seus corpos, como o direito de ir e vir, o aborto, a violência doméstica, o estupro, etc. As mulheres tornam-se potentes protagonistas de suas histórias ao colocar o corpo feminino como agente de produção de arte urbana feminista nos muros da cidade (BALDISSERA, 2019).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi pensada através do método etnográfico, mais especificamente da etnografia de rua, onde segundo Rocha e Eckert (2003) é possível

traçar uma trajetória, o movimento urbano. O trabalho de campo se constituiu principalmente na forma de andanças pelas ruas do bairro Porto, inspiradas no que Certeau (1994) chamou de deambulações, as caminhadas foram realizadas sem um rumo específico, permitindo o encontro com as variadas intervenções urbanas que habitam as edificações do bairro, além de contar com entrevistas realizadas com duas artistas urbanas da cidade. Percorrendo as ruas, por meio de observação flutuante (PÉTONETT, 2008) foi possível seguir rastros desenhados pelas mulheres, em particular as pichações e lambe-lambes que contava as narrativas e discursos que fazem a cidade (AGIER, 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A paisagem é desenvolvida como espaço masculino. Nomes de ruas, monumentos, etc, são pensados através de um imaginário masculino e patriarcal. De acordo com Casimiro (2017), é preciso primeiramente que a cidade perceba a presença feminina para que seja funcional às mulheres. As intervenções artísticas urbanas é uma maneira delas dialogarem com a urbe, tendo sua presença notada, participando assim da ocupação do território urbano.

Ao andar pelas cidades é possível identificar a presença de manifestações artísticas como pichos, grafite, além de frases políticas grifadas, tais manifestações transformam o espaço, a vivência, os corpos e a cidade, esses espaços que têm o domínio do sexo masculino, segundo Kern (2019) “A cidade foi criada para apoiar e facilitar os papéis tradicionais de gênero masculino, com pouca consideração de como a cidade cria bloqueios para as mulheres e ignora seu contato diário com a vida urbana”. Na medida que as mulheres passaram a reivindicar seu lugar na sociedade, mostrando suas pautas e revelando suas identidades, elas estão assumindo o protagonismo em tais espaços através de suas manifestações. As intervenções urbanas utilizam-se da cidade como um instrumento de comunicação e protesto que estão presentes no cotidiano (Hypolito, 2015). Em meio a cidade atravessam diversas subculturas pertencentes a arte urbana, ela reflete as lutas cotidianas de seus produtores e a construção de novos cenários culturais, estéticos e sociais se apropriando das construções da cidade pelas representações simbólicas das manifestações artísticas que expõe a identidade.

Nas caminhadas percorridas pelas ruas do bairro Porto, percebi uma existência significativa de intervenções urbanas, principalmente nos antigos edifícios industriais, estes que em outra época integravam importantes fábricas na cidade. Atualmente, estes prédios fazem parte de um cenário ideal para as mulheres interessadas em praticar a arte urbana. Nos relatos de minhas interlocutoras, as artistas *Pixatriz* e *Yas*, que realizam este tipo de intervenção, pontuam que há certa liberdade em praticar essas intervenções na região, onde os transeuntes e moradores do bairro aceitam com conformidade. Elas começaram a praticar para que pudessem furar a bolha que viviam nas redes sociais, principalmente o *Instagram*, pois o discurso feminista e político que acreditam está apenas na internet. As intervenções nas ruas fazem mais sentido para sua militância, dessa forma, as frases e desenhos políticos são capazes de atingir um público maior que não está em contato com a academia ou com as redes sociais, além de dar sensação de pertencimento e um olhar mais sensível em relação a cidade, como explica *Yas*.

Essas jovens mulheres lutam para que a prática de intervenção urbana feminina construa uma nova imagem da cidade de Pelotas através de suas pro-

duções artísticas, pensando em promover uma cidade mais democrática, onde as mulheres também tenham o direito de utilizar o espaço público sem medo. *Pixatriz* comenta em entrevista realizada em abril de 2022 que:

“Eu queria que de alguma forma o que eu fazia chegasse até as pessoas e eu sempre vi na rua uma forma democrática disso acontecer. Na verdade, o porquê maior de eu estar presente na rua é porque é onde todo mundo passa independente de classe social ou qualquer fator, todo mundo tem que usar a rua”.

O esquecimento das mulheres no espaço urbano também afeta a arte das ruas. As mulheres estão construindo novas redes de apoio, como argumenta *Yas*:

As mulheres que estão na cidade, no corre do dia, são sempre as que são esquecidas (...) então a gente tem que trabalhar isso de mostrar que as mana tão no corre também, que não são só homens que vai dominar a cidade porque não são só eles que tem que ser ouvidos, já basta a sociedade como um todo só escutar homem, as paredes da cidade falam e vai ter muita mão feminina falando ali, muito desenho, vai ter muitas vozes femininas falando (...) através das intervenções da arte, eu consegui fazer com que eu me entendesse como pessoa, como mulher *desfem*, porque eu consigo me expressar da melhor maneira possível através das minhas escritas na rua. É bem libertador pensar que tu sabe que aquele lugar é teu também, é bem importante pra mim. Eu queria muito que a arte urbana com mãos femininas fosse bem maior justamente por isso, porque muitas outras manas talvez começassem a se identificar, conseguissem se encontrar e entender que aquele espaço também é delas e vai ter outras manas acolhendo elas ali, que não vai ser só homem na rua, que a gente também pode dominar esses espaços.

Foto 1 - Intervenções *Pixatriz* e *Yas*



Fonte: acervo pessoal, 2021.

Pode-se analisar essas intervenções urbanas como rastros deixados pelas mulheres que modificam a paisagem urbana e podem ser consideradas efêmeras, Rocha e Eckert (2013) definem que a transformação da matéria através da criação de imagens é uma operação que resulta no tempo. Essas intervenções po-

dem possuir uma duração indeterminada, pois na cidade há um grande fluxo de práticas urbanas.

4. CONCLUSÃO

A prática de intervir no espaço urbano é uma possibilidade de evidenciá-lo como um lugar de múltiplas vivências e colabora na difusão de conhecimento. As jovens mulheres observadas neste trabalho, constroem a partir de sua produção artística uma memória imagética da cidade, simultaneamente edificando a memória de suas artes, este exercício opera na temporalidade das cidades e pode conter informações sobre as mudanças e transformações que ocorrem nos espaços urbanos. É possível pensar que, ocupando os espaços públicos, as mulheres estabelecem diálogo com as pessoas que transitam entre os centros urbanos. Através de suas intervenções na rua, elas ressignificam o espaço, a ordem social e o controle dos corpos femininos mediante a experiência de suas vidas pessoais pautadas em demandas políticas do movimento feminista que envolvem os muros, as fachadas, os asfaltos e os monumentos da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, p. 483-498, 2015.

BALDISSERA, Marielen. Barraqueiras e heroínas: escritos feministas nas ruas de Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, p. 179-208, 2019

CASIMIRO, Lígia Maria Silva Melo de. As mulheres e o direito à cidade: um grande desafio no século XXI. Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico-IBDU. *Direito à Cidade: uma visão por gênero* (São Paulo), p. 7-12, 2017.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Editora Vozes, 2014

HYPOLITO, Bárbara de Bárbara. *Escritas urbanas, corpo e modos de subjetivação: experiência cartográfica pela cidade contemporânea*. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

KERN, Leslie. *Cidade Feminista: A luta por espaço em um mundo desenhado por homens*. Oficina Raquel, 2021

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. *Rua: revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP*. Campinas. N. 9 (mar. 2003), p. 101-127, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

SILVA, Lara Denise Oliveira; DOS SANTOS DIÓGENES, Glória Maria. "A cidade é sem fim igual a tua janela": intervenções, afetos urbanos e deambulações em Fortaleza/CE. *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 7, n. 2, p. 87-107, 2019